

Uma Experiência de Leitura da Obra de João Guimarães Rosa em Comunidades do Vale do Urucuia

An experience of reading the work of João Guimarães Rosa in Communities of the Urucuia Valley

Rosa Amélia Pereira da Silva^{1*}

* Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF, 70910-900,
e-mail: rosameliasilva@gmail.com

RESUMO: Discorre-se, neste relato acerca de uma pesquisa relacionada à recepção da obra de João Guimarães Rosa no Vale do Urucuia, cenário de parte do romance *Grande Sertão: Veredas*. O objetivo principal da pesquisa foi levar a leitura dos textos rosianos às comunidades que se situam no território que inspirou o autor. Além disso, objetivou-se também desenvolver o letramento literário na mesma região. Destacam-se as “cirandas dialógicas” como procedimento metodológico eficaz, uma vez que os participantes do projeto se envolveram com os textos, mesmo com a ideia pré-formada de que a leitura do autor é difícil e para um grupo seletivo. A proposta percorreu 5 comunidades da região e, a partir do relato, observam-se resultados positivos em relação à leitura de João Guimarães Rosa pelo interior do país: primeiro, as pessoas mais humildes e com pouca educação formal têm plenas condições de ler a obra do autor; segundo, o letramento literário, assim como outros letramentos, pode ser desenvolvido se houver um cuidado com as estratégias aplicadas para este fim.

PALAVRAS-CHAVE: João Guimarães Rosa; Recepção, Dialogia, letramento literário.

ABSTRACT: In this report we discuss about a research related to the reception of the work of João Guimarães Rosa in the Valley of Urucuia, scenery of part of the novel *Grande Sertão: Veredas*. The main objective of the research was to take the reading of the Rosians texts to the communities that are located in the territory that inspired the author. In addition, it was also aimed at developing literary literacy in the same region. We highlight the "dialogical ring-around-the-rosie" as an effective methodological procedure, since the participants of the project became involved with the texts, even with the pre-formed idea that the author's reading is difficult and for a select group. The proposal covered 5 communities in the region and, from the report, positive results are observed in relation to the reading of João Guimarães Rosa in the interior of the country: first, the most humble and with little formal education have full conditions to read the work of the

¹ Doutora e mestre em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília, professora do Instituto Federal de Brasília – *Campus* Brasília, pesquisadora na área de letramento literário, estudante da obra de João Guimarães Rosa e de Filosofia – UnB. Pós-doutoranda pela USP com pesquisa relacionada à narrativa de caráter oral.

author; Second, literary literacy, as well as other literatures, can be developed if care is taken with the strategies applied for this purpose.

KEYWORDS: João Guimarães Rosa; Reception, Dialogia, literary literacy.

João Guimarães Rosa, a partir de sua prosa poética, marcou a literatura nacional. E marcou mais contundentemente o sertão gerais do vasto estado de Minas Gerais. Ali, ao se percorrer o sertão urucuiano, o vale dos rios Urucuia e Carinhanha, percebe-se o quanto o autor foi encantante e encantador. Em seu último discurso, ele afirmou que “as pessoas não morrem, elas ficam encantadas”. Ali o autor reina soberano, mesmo estando encantado.

João Guimarães Rosa vive, revive, revivido nas pessoas que foram suas personagens e ainda são. Por lá, é possível reconhecê-lo de diversas formas: nas pessoas que revelam seus mais notórios personagens, nas narrativas que circulam entre as populações tradicionais, nas cores vivas dos gerais, dos cerrados e dos buritizais, na presença ainda viva do parque Grande Sertão Veredas, no Vão dos Buracos – Oco do Vão, na Serra das Araras, nos diversos áridos que apontam para o Liso do Sussuarão, nas mais lindas veredas.

É certo que João Guimarães Rosa reina. É certo também que, como pessoa encantada, muitos mitos, em torno dele há. E os mitos em torno do nome dele inspiraram o desenvolvimento de um projeto de leitura para além dos muros da escola, a fim de atender às comunidades e às pessoas sertanejas que tanto representam os seus personagens.

O trabalho desenvolvido com a leitura da obra de João Guimarães Rosa durante o ano de 2016, na verdade, foi uma expansão da pesquisa realizada em 2011 a 2014 com a recepção da obra em ambiente de ensino. Propôs-se, a partir dessa segunda etapa, a aplicação das “cirandas dialógicas” para além do ambiente de ensino, ou seja, em algumas comunidades da região do vale do Urucuia. A aplicação da proposta fora de ambiente de ensino gerou-nos algumas boas surpresas e algumas conclusões muito interessantes acerca da literatura em ambiente formal e informal de aprendizagem.

Antes de adentrarmos as especificações dessa segunda fase do trabalho, é válido apresentar um resumo da primeira parte da pesquisa, momento em que nasceu a estratégia principal do projeto, sobre a qual discorreremos: as “cirandas dialógicas”. O estudo inicial aconteceu em 3 escolas da região do Vale do Urucuia, duas na zona rural e uma urbana e nasceu quando se reconheceu a necessidade de se desenvolver o letramento literário, sobretudo a partir da leitura do autor que consagrou o sertão mineiro. Nestas escolas, foi aplicada a estratégia em vários momentos e com vários contos: A Terceira Margem do Volume 19
Número 45

Rio, Fita Verde no Cabelo, Famigerado, A Menina de Lá, e o poema Boiada. O resultado da pesquisa foi bastante produtivo, com a publicação de 3 livros: dois com a produção escrita dos participantes no projeto, revelando o resultado do trabalho em torno do letramento literário – Ser Tão de Rosa e Ser Tão de Rosa II, o outro com a discussão geral da pesquisa, incluindo produção e discussão dos resultados: Travessias Literárias em perspectiva interacionista; além, é claro, da própria pesquisa que teve como tese intitulada “Nesta água que não para: leitura de João Guimarães Rosa no Vale do Urucuia”.

A denominação “cirandas dialógicas” surgiu da necessidade de se nomear a referida estratégia de leitura cujo eixo é o diálogo profícuo acerca do que se lê, com o respeito para todos os posicionamentos, mesmos os mais simples e óbvios. Parte-se da ideia de que a leitura é um processo. Do latim, ler significa colher, decifrar, captar. O leitor, na posição de quem colhe/interpreta, deve, antes, plantar, não de uma vez, mas paulatinamente, para obter bons resultados. Tal plantio parte do processo de leitura: ao reunir palavras, constituir sentidos, entender as simbologias, as metáforas, os não ditos nos ditos, os ditos nas palavras, ele, o leitor, é o responsável maior pelo trabalho que leva à interpretação dada ao texto, muitas vezes, bem particular.

Para J. G. Rosa “a colheita é comum, mas o capinar é sozinho”. Considerando o provérbio rosiano aplicado à nossa reflexão, podemos dizer que capinar o texto é o passo a passo na constituição da leitura, o que nos leva à colheita final que é a interpretação dada ao texto realizada em comunidade. E, na busca de uma colheita em comum, a partir do diálogo, é indispensável o trabalho de capinar o texto. Nas “cirandas dialógicas”, propomos que cada leitor cave o texto nas suas profundezas, realizando, sobretudo, perguntas, questionamentos em relação ao que reconhece em cada ação, intriga, personagem, espaço.

E, para que todos possam colher, realizar a colheita em comunidade, ao capinar o texto, os leitores devem socializar com os outros leitores o movimento da capina solitária, pois acreditamos que a ação de capinar o texto, quando compartilhada, pode ajudar o outro a capinar a sua lavoura da interpretação também. Nesse sentido, o que se busca nas “Cirandas dialógicas”, é a colaboração, é a solidariedade no trabalho de interpretar o texto, entendendo que cada um deve ter a responsabilidade da pergunta como ferramenta principal de trabalho: cada um tem uma forma particular e solitária de cavucar a terra do texto. Ao solidarizar tal ato, o instrumento que se usa para cavar o texto, torna-se mais fácil a imersão nas suas profundezas e trazer dele o que mais importa: os sentidos claros e ocultos.

A principal característica da “ciranda dialógica”, a de que, até que o leitor desenvolva a autonomia e o interesse para e pelo texto literário, é necessário o trabalho solidário de se realizar leituras compartilhadas, oralizadas, dialogadas, em que todas as colocações sejam respeitadas e direcionadas para o entendimento mais abrangente do texto, buscando realmente a colheita comum da interpretação. Por isso, a metodologia aplicada na referida estratégia promove a leitura oralizada, destacando os elementos fonéticos, prosódicos e morfossintáticos; leva à interpretação da semântica profunda do texto.

Sem o devido destaque desses elementos, observa-se que a semântica fica prejudicada e a interpretação quase nunca é alcançada. Outra característica bastante considerável é que cada texto de João Guimarães Rosa, por demandar conhecimentos regionais específicos e relações intertextuais peculiares, exige mediação e provocações típicas e uma leitura dramatizada de acordo com a matiz do texto.

Partimos do pressuposto de que se ensina a ler lendo e, por isso, aprende-se a ler lendo, no diálogo constante entre a tríade que sustenta a leitura: mediador, texto e leitor. A dialogia, enquanto método, precisa se constituir a partir da postura receptiva e solidária do mediador, que promove e conduz a interação entre o texto e o leitor, para que, após o desenvolvimento da habilidade leitora, sobretudo a referente a textos literários, a interação se sustente na tríade texto-obra, leitor e autor.

Observa-se que o prazer contido na leitura de textos literários passa, de antemão, pela leitura solidária, pelo exercício em comunidade, pelo despertar da curiosidade acerca do que o texto diz, do que pode dizer a um ou a outro leitor e também pela receptividade explorada nas relações entre as pessoas-leitoras e entre as pessoas e o texto. Assim, a receptividade, o respeito às ideias do outro, o altruísmo, o senso de coletividade e a dialogia são, por excelência, as bases fundamentais das “cirandas dialógicas”. Tais características das “cirandas dialógicas” se concretizam, porque são intrínsecas ao ser humano e precisam ser despertadas, valorizadas para que se constituam leitores críticos e mais humanos.

Baseados na seleção de textos teóricos acerca do letramento, para aplicar as cirandas dialógicas, identificamos o perfil do leitor da região, reafirmando a premente necessidade de aproximação entre os contextos da obra rosiana e os contextos sociais em que ele – o leitor – está inserido e propusemos as estratégias, sobre as quais discorreremos no tópico seguinte. O perfil do leitor da região e das comunidades sertanejas que se dispuseram a receber o projeto não se distingue do perfil do leitor brasileiro.

O leitor tem pouco contato com a literatura e certa dificuldade em compreender os jogos de linguagem, por exemplo, as metáforas e as analogias constantemente presentes em qualquer texto literário e, de forma peculiar, nos textos de João Guimarães Rosa. Além disso, demonstra também alguma dificuldade no que se refere à decodificação da linguagem escrita. Diante dessas dificuldades, que se revelaram mobilizadoras, a eleição dos textos do autor para se desenvolver as oficinas foi realizada de forma a aproximar os dois universos: o do escritor João Guimarães Rosa e o do leitor do sertão mineiro: o Urucuia.

1- METODOLOGIA APLICADA À ESTRATÉGIA DA CIRANDA DIALÓGICA

A prática das “cirandas dialógicas” foi realizada com as comunidades que participam do Caminho do sertão: De Sagarana ao Grande sertão: veredas, projeto que visa a constituir uma trilha turística de cunho social, ambiental e literário na região do Vale do Urucuia. Parte do percurso da trilha foi, imaginariamente, percorrido por Riobaldo, personagem mais famoso de João Guimarães Rosa. Entre as oito comunidades pelas quais passam os Caminhantes durante os sete dias de caminhada, cinco delas foram atendidas pelo projeto – Arinos, Sagarana, Morrinhos, Vila Bom Jesus, Fazenda Menino.

Partindo da perspectiva de que a leitura é simultaneamente uma atividade individual e social, concebem-se, então, as “cirandas dialógicas” no movimento entre esses dois âmbitos da vida, nas palavras de Nunes, a leitura

é individual porque nela se manifestam particularidades do leitor: suas características intelectuais, sua memória, sua história; é social porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social, à política (Nunes, 1994: 14).

A primeira etapa da estratégia constitui-se de uma mobilização do leitor em relação ao objeto de leitura: um texto rosiano. Tal mobilização é lançada no sentido de motivar o leitor a se envolver com o texto. O mediador pode desenvolvê-la a partir de várias estratégias, por exemplo, o levantamento e questionamento de expectativas, a predição em relação a algum aspecto do texto, a brincadeira com a simbologia das palavras, etc. Ao avançar na metodologia, realiza-se a leitura coletiva, ou solidária. Neste momento, o leitor decodifica as palavras, relaciona-as umas às outras, liga-as aos seus

significados já internalizados, ativa conhecimentos adquiridos acerca do assunto/tema lido, processa estratégias que vão construindo os sentidos do texto.

Quando não conhece as palavras para relacioná-las umas às outras, ele deve buscar, a partir da pergunta, compreendê-las, para ressignificar aquilo que entende e ampliar o seu repertório interpretativo. Nesse processo, reconhece a importância da dialogia, da pergunta que leva à imersão no texto. Reconhece-se a importância da mediação provocativa. Nesse período, acontece a Ciranda Dialógica por excelência, porque é o momento em que os leitores leem e conversam sobre o que leem, sobre o que entendem e o que não entendem no texto.

Vale destacar, neste diálogo, a importância do texto, que apresenta forte atuação sobre o leitor: aciona-lhe os conhecimentos, contribui significativamente para a construção das previsões, modificando-as provocativamente, para que ele – o leitor – permaneça, ou não, na leitura. Após a leitura, o leitor não é o mesmo. Nesse processo dialético, entende-se que há uma mudança de perspectiva em relação ao texto, ao mundo, e, quiçá, a si mesmo. Justamente para revelar essa leitura, a conversa sobre o texto revela-se primordialmente importante, porque é no diálogo que se avança. Destacamos que o diálogo é proposto considerando a relação entre o leitor e o texto, e os leitores entre si mesmos.

Compreende-se, assim, que a leitura caracteriza-se pelo cruzamento de (inter)subjetividades. As “cirandas dialógicas” provocam e acirram esse cruzamento a partir da conversa afiada, da pergunta provocadora, do respeito às ideias do outro, da receptividade do texto e do outro na interpretação do texto.

A atitude receptiva se inicia com a aproximação entre texto e leitor, em que toda a historicidade de ambos vem à tona. As possibilidades de diálogo com a obra dependem, então, do grau de identificação ou de distanciamento do leitor em relação a ela, no que tange às convenções sociais e culturais a que está vinculado e à consciência que delas possui (Bordini e Aguiar, 1993: 84).

A leitura, para se processar enquanto ato, parte da integração de atividades contínuas e/ou simultâneas realizadas pelos leitores. Elas constroem a rede de processamento que desencadeia a construção do sentido. Isso se dá de acordo com a competência do leitor e com o que o texto ativa em sua memória. Nas “cirandas dialógicas”, tem papel importante nessa construção o mediador da leitura, uma vez que ele, de antemão, conhece o texto e pode elucubrar os caminhos que o leitor pode percorrer na construção do sentido.

Para Bakhtin, o texto só tem vida em contato com outro texto (contexto). “Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo” (Bakhtin, 2003: 401), esse processo dinâmico contribui significativamente para o exercício da capacidade criadora do leitor. Diante de tal concepção, as “cirandas dialógicas”, conforme o próprio nome aponta, são fundamentadas no diálogo dialético. A dialogia desenvolvida nas “cirandas” tem como premissa principal a participação que diz respeito à ação do leitor sobre as posições manifestas no texto.

Ao se promover um mergulho do leitor no texto, que se movimenta, entre prospectivas e retrospectivas, cuidadosamente entre as incógnitas e vazios, articulam-se os conhecimentos dentro de sua experiência leitora para preenchê-los e construir sentido para o texto.

Em resposta à provocação do texto literário, o horizonte que limita a compreensão do leitor pode abrir-se continuamente.

Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o povoa: vivências pessoais, culturais, sócio-históricas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas, que orientam e explicam tais vivências. Munido dessas referências, o sujeito busca inserir o texto que se lhe apresenta no esquadro de seu horizonte de valores (Bordini e Aguiar, 1993: 87).

Destaca-se que o repertório cultural de João Guimarães Rosa e o do leitor brasileiro cruzam-se nas histórias que compuseram o imaginário do autor, nas brincadeiras, nos valores, na cultura sertaneja. São dois repertórios bem próximos, um encarna o outro. Isso dá condições de o leitor brasileiro, por mais simples que ele seja, estar apto a desenvolver atos imaginativos a partir dos textos rosianos. Materializa-se, nesse intercruzamento de vozes a concepção do método traçado para as estratégias que se desenvolveram nesse projeto.

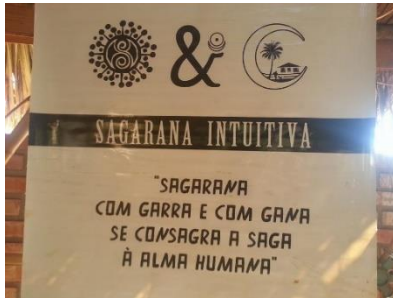
Geralmente, em ambiente formal de aprendizagem, na terceira etapa que compõe as Cirandas, destaca-se a importância da escrita, da resignificação textual em outra linguagem ou outro gênero textual. Tal atividade consubstancia aquilo que é premente no ensino: desenvolver a habilidade da escrita, importante para o letramento do estudante. Em ambiente não formal de aprendizagem, tal etapa de produção é bastante livre, uma vez que os participantes não objetivam uma responsabilidade de produção a partir da leitura. Reconhecendo isso, a mediação se estabelece muito mais centrada no prazer – na

estesia e na catarse – da leitura, e, para aqueles que se dispuserem, sempre é possível a produção de forma bastante livre, conforme o próximo tópico descreve.

2- RELATO DA APLICAÇÃO DAS CIRANDAS DIALÓGICAS

2.1 Sagarana

Em Sagarana, devido ao envolvimento do grupo com as discussões já desenvolvidas durante a pesquisa anterior, os resultados foram bastante significativos.



Haicai de Almir Paraca

O envolvimento do grupo de jovens foi consideravelmente superior aos de outras comunidades, uma vez que eles – os jovens de Sagarana – já têm certa assunção social decorrente, inclusive, do nome da comunidade, que carrega uma responsabilidade com a obra do autor e com a cultura local. Eles demonstraram interesse imediato pelos encontros que chegaram a se realizar quinzenalmente. Não foi difícil envolvê-los na estratégia.

Depois do convite inicial à comunidade, as “cirandas dialógicas de leitura” se iniciaram. Salienta-se que o grupo era composto, em sua maioria, por jovens bem ativos na comunidade. Tal fato, de certa forma, contribuiu para a riqueza das “cirandas dialógicas”, que eram sempre produtivas, explorando o valor simbólico dos textos e seu caráter social.

Os encontros mensais e a agenda de encontros semanais nas comunidades foram organizados por esse mesmo grupo de jovens, os quais se uniram em torno da liderança do grupo. Eles se destacaram, inclusive, durante as “cirandas dialógicas de leitura”, debatendo os textos, realizando uma discussão mais ampla e aprofundada acerca das ideias presentes nos textos escolhidos para leitura. Além disso, esse mesmo grupo propôs uma série de releituras para os textos lidos.

Entre essas releituras, realizaram a adaptação, para a cena, dos textos A terceira Margem do Rio e Soroco, sua mãe e sua filha, contos presentes no livro *Primeiras estórias* de João Guimarães Rosa. Tais adaptações foram apresentadas no Caminho do Sertão: de Sagarana ao Grande sertão: veredas, edição de 2016. Na comunidade de Sagarana,

apresentou-se “Soroco, sua mãe e sua filha”, e, em Morrinhos, apresentou-se “A terceira Margem do Rio”.

Como os encontros foram mais contínuos, foram lidos os seguintes textos de João Guimarães Rosa: A terceira Margem do Rio; Conversa de Bois; Duelo; Fragmentos de Grande Sertão: Veredas; Fragmentos de Campo Geral; ; Soroco, Sua Mãe e Sua Filha.



Ciranda dialógica em Sagarana



Adaptação Soroco, sua mãe e sua filha, participantes de Sagarana.



Adaptação A Terceira Margem do Rio de João G. Rosa.

Os participantes das Cirandas, em Sagarana, demonstravam bastante sensibilidade ao lerem os contos de J. G. Rosa. Interagiram bem, compreenderam os papéis sociais dos personagens e, em alguns momentos, travaram discussões muito elucidativas em relação ao conteúdo dos textos.

2.2 Arinos



Em Arinos, ocorreram apenas dois encontros. Houve uma certa dificuldade em articular a comunidade de Arinos para que ela se mantivesse imbuída do desejo de ler os textos de João Guimarães Rosa.

Contudo, mesmo considerando essas dificuldades, os resultados foram bastante significativos, uma vez que se reconheceu, durante as duas “cirandas dialógicas” realizadas, grande envolvimento dos participantes com os textos escolhidos. O grupo demonstrou acolhida, participação, autonomia diante do texto, curiosidade e o principal:

desejo de mergulhar nos textos do autor para compreender os seus mais secretos significados, para desvendar suas metáforas e outros jogos de linguagem.

O grupo era heterogêneo. Participaram pessoas de todas as idades, inclusive crianças. Essas últimas se envolveram bastante com os textos ilustrados e com as Graphic Novel. As leituras realizadas por elas foram bastante gratificantes, pois elas se mostravam envolvidas e aquilo que não entendiam por meio da palavra, buscavam, nas ilustrações, as explicações para a compreensão do texto. O grupo de jovens e de adultos demonstraram também grande interesse pela leitura dos contos, participaram ativamente das discussões propostas. Como as “cirandas” se fundam na dialogia, a conversa acerca do texto, sobretudo durante a leitura, revelou-se relevante e necessária, demonstrando a eficácia da proposta: o quanto é bom construir solidariamente a interpretação para o texto.

Não houve nenhum trabalho de ressignificação textual, para além das conversas durante as “cirandas”. Nessa comunidade, os encontros foram realizados em espaços naturais, sempre debaixo de uma árvore, o que contribui bastante para a imersão nos textos lidos, pois a paisagem natural é um estímulo para o reconhecimento dessa mesma paisagem nos textos lidos.

Nessa comunidade, como o grupo era bastante heterogêneo, foi possível dividir em pequenos grupos e ler uma boa variedade de textos do autor: Fragmentos de Grande sertão: veredas, fragmentos de Campo Geral (com adultos); A Terceira Margem do Rio em Graphic Novel e Fita Verde no Cabelo ilustrado (com crianças).

2.3 Vila bom Jesus



Haicai de Almir Paraca

Em Vila bom Jesus, ocorreram vários encontros. O número de pessoas no primeiro encontro não foi satisfatório. Contudo, nas cirandas dialógicas realizadas posteriormente, sempre comparecerem muitas crianças e muitos adultos e idosos.

O interesse dos jovens pelas “cirandas”, em Vila bom Jesus, foi bastante ínfimo. Mas, considerando que a ideia de que a formação do leitor é um processo, congratulamo-

nos com o fato de sempre terem comparecido muitas crianças. Estas demonstravam bastante interesse pelos textos, sobretudo pelas Graphic Novel. Tal fato revela que a ilustração é importante na constituição das imagens do texto literário, até que o leitor tenha autonomia para construir as suas próprias.

Em relação ao público de Vila bom Jesus, vale destacar a participação dos idosos. Geralmente em grande número, eles eram os mais frequentes e participativos. Demonstravam certa dificuldade com a leitura do texto impresso, mas acompanhavam-na com uma atenção formidável, realizando intervenções acerca das metáforas exploradas no texto de maneira profunda. Estavam sempre atentos aos detalhes narrativos e, a partir deles, propunham analogias grandiosas. Realmente, trabalhar o texto de João Guimarães Rosa com o grupo de idosos de Vila bom Jesus foi uma experiência engrandecedora, porque a resposta e o posicionamento deles, em relação ao texto, era sempre surpreendente e ultrapassava o nível linguístico, pois eles buscavam sempre uma compreensão transcendente. O texto se transformava sempre em uma explicação para o invisível, para aquilo que se põe adiante do homem enquanto escritor, e de nós mesmos, enquanto leitores. A terceira Margem do Rio; Fragmentos de Campo Geral (Conto e Graphic Novel); Fita Verde no Cabelo ilustrado foram os contos lidos nessa comunidade.

2.4 Morrinhos



Haicai de Almir Paraca

Morrinhos, povoado situado ao lado do rio Urucuia, foi a comunidade também com maior número de propostas de encontro, apesar de alguns não terem acontecido em função do não comparecimento do público.

A comunidade de Morrinhos talvez seja o grupo mais heterogêneo com o qual se trabalhou na aplicação das “cirandas dialógicas”, sobretudo em relação a interesses. Havia em igual número jovens, crianças, adultos e idosos. Os idosos, igualmente ao de outras comunidades, sempre demonstravam maior participação e interesse.

As crianças também revelavam interesse, mas, ao mesmo tempo, uma certa timidez em pensar e questionar os textos. Observou-se um sentimento de falta de confiança delas em realizar as provocações ou participar das leituras.

O grupo de jovens de Morrinhos talvez tenha sido o mais difícil de envolver. O interesse pela leitura e pela cultura local que se explora nos textos de João Guimarães Rosa foi bastante pequeno. Quando questionados, apontavam as dificuldades em compreender o vocabulário do autor, mesmo diante da mediação que era realizada. Contudo, mesmo diante das dificuldades, as “cirandas” foram realizadas, não com a mesma continuidade que nas outras comunidades. Alguns adultos, da mesma maneira em que ocorreu em outras comunidades, apresentaram dificuldades com a leitura do texto físico; mas, quando ouviam os textos, conseguiam relacionar às próprias experiências. E realizavam, a partir disso, bons relatos de experiência, rememorando a vida de antepassados inspirados na leitura de João Guimarães Rosa.

Foi em Morrinhos que ouvimos uma das explicações mais incisivas para a dificuldade de compreender o texto de João Guimarães Rosa. Uma senhora, ao final da dinâmica, afirmou que era difícil entender o texto quando lido por alguém da comunidade, porque “as pessoas não sabiam ler conforme o texto exigia, faltava pontuação, faltava colocar as vírgulas e dar a entonação adequada ao que o texto pedia”. A afirmação ainda veio associada a ideia de que a mediadora tinha maior habilidade na leitura e deixava o texto mais claro. Diante de tal fala, a resposta foi que qualquer um ali podia passar a fazer a leitura igual à mediadora, desde que mergulhasse no texto para compreendê-lo e, sobretudo, exercitasse a leitura.

Esse momento talvez tenha sido um dos mais emocionantes durante a aplicação das “cirandas”, porque as inferências que se podem realizar acerca das formas de ler e acerca do leitor brasileiro explicitam-se por si sós. Fragmentos de Grande sertão: veredas, Fragmentos de Campo Geral, A Terceira Margem do Rio em Graffice Novel foram os textos lidos nessa comunidade.



2.5 Fazendo Menino



Arte de Valdiney Carvalho, réplica da obra de Alexander Milov

Na Fazenda Menino foram realizados apenas dois encontros e com o menor número de participantes. Destaca-se que, por ser uma fazenda, houve dificuldade de agregar os participantes.

Outra questão que merece destaque é que, justamente por ser uma fazenda, quando as pessoas se reúnem o interesse gira em torno mais de conversas.

Geralmente, os interesses circundavam as histórias contadas pela moradora mais antiga do lugar, exímia contadora de história e estórias. De toda forma, foram realizadas duas cirandas. Fragmentos de Campo Geral e A Terceira Margem do Rio em Graphic Novel foram os textos lidos nessa comunidade. Sabemos também que as Cirandas foram importantes para alguns leitores que, em depoimento posterior, se lembram de forma carinhosa dos textos lidos e de como a leitura dos textos de João Guimarães Rosa mudou a concepção que tinham do sertão onde vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação aos objetivos almejados no projeto, destaca-se que foi possível reconhecer o envolvimento das comunidades com a obra de João Guimarães Rosa, ocorreu o que planejamos: a aproximação entre o horizonte dos textos do referido autor e os horizontes de experiências dos participantes das “cirandas dialógicas de leitura”. Reconhece que o letramento literário é um processo do qual não se pode prescindir para que o empoderamento cultural aconteça e para que as comunidades se reconheçam como figuras importantes na obra do autor, uma vez que os personagens das obras de João Guimarães Rosa foram inspirados em pessoas reais da região. A perspectiva metodológica adotada provocou um processo de leitura diferente, porque, mesmo que os textos fossem considerados “difíceis”, as estratégias de leitura adotadas para os contos, quase sempre, tornaram-nos acessíveis.

Os leitores se identificaram, em alguns aspectos, com a linguagem explorada, com os contextos descritos nos textos, com os fatos narrados. O efeito de sentido, nessa

perspectiva, passou a ser experimentado. Dessa forma, JGR transmuta-se de ícone² a símbolo literário significativo, participando ativamente da construção da subjetividade de seus leitores das referidas comunidades. Tal subjetividade é importante, sobretudo, para a valorização da cultura local e crê-se, conforme Souza, que ela,

é construída de maneira dialética nas relações entre indivíduo e sociedade. Enquanto a sociedade, com suas instituições, estabelece modelos e regras, é a subjetividade que inventa, imagina e cria, promovendo o processo de transformação da própria sociedade (Souza, 2009: 82).

Destaca-se, nesse processo, que a leitura da literatura se mostrou relevante no processo de subjetivação dos sujeitos. Por meio dela, aquele que lê pode se colocar adiante de si mesmo, valorizando o seu tempo e o espaço sertanejo: foi capaz de jogar-se, numa forma questionadora, além de seus sentimentos, de seus valores e da sua condição existencial de forma criativa, uma vez que a literariedade - a polifonia e a polissemia presentes nos textos - deu liberdade e condição de o leitor ter autonomia e criatividade para escavar o texto. Tal subjetivação, de alguma forma, foi construída durante as “cirandas de leitura”.

Em relação ao letramento literário, a principal constatação, ao percorrer e aplicar as cirandas dialógicas com a obra de João Guimarães Rosa, é a de que, até que se desenvolvam a autonomia e o interesse para e pelo texto literário, é necessário o trabalho solidário de se realizar leituras compartilhadas, oralizadas, dialogadas, em que todas as colocações sejam respeitadas e direcionadas para o entendimento mais abrangente do texto, ou seja, a interpretação compartilhada. A colheita solidária da interpretação ajuda na construção da leitura do texto.

É importante notar também que cada texto de João Guimarães Rosa, por demandar conhecimentos regionais específicos e relações intertextuais diferentes, exige diálogos característicos e leitura dramatizada de acordo com a matiz do texto. Outra constatação bastante considerável é que o exemplo do mediador é muito importante no desenvolvimento do letramento, pois ensina-se a ler lendo e aprende-se a ler lendo, no diálogo constante entre a tríade que sustenta a leitura: mediador, texto e aluno.

² Considera-se que João Guimarães Rosa é apenas um ícone, uma vez que é reconhecido como figura importante, mas sua obra ainda é pouco lida. A leitura dos textos do autor retira-o desse lugar de ícone e o coloca no lugar de figura simbólica de extrema importância para a região, para Minas e para o Brasil.

A dialogia, enquanto método, precisa se constituir a partir da postura receptiva e solidária do mediador, que promove a interação entre o texto e o leitor, para que, após o desenvolvimento da habilidade leitora de textos literários, a interação se sustente na tríade texto-obra, leitor e autor. Observa-se que o prazer contido na leitura realizada individualmente de textos literários passa, de antemão, pela leitura solidária, pelo exercício em comunidade, pelo despertar da curiosidade acerca do que diz o texto, do que pode dizer a um ou a outro leitor e também pela receptividade explorada nas relações entre as pessoas-leitoras e entre as pessoas e o texto. Mesmo porque se acredita que a leitura nunca é um ato solitário, pois há sempre diálogo e solidariedade entre o leitor, o texto e o seu autor.

Assim, concluímos que a receptividade, o respeito às ideias do outro, o altruísmo, o senso de coletividade e a dialogia são, por excelência, as bases fundamentais das “cirandas dialógicas”. Tais características das “cirandas” se concretizam porque são intrínsecas ao ser humano e precisam ser despertadas, valorizadas para que se constituam leitores críticos e mais humanos. A dialogia, o altruísmo, o respeito à cultura do outro, sobretudo à cultura popular, vale destacar, estão também na base da obra de João Guimarães Rosa. Assim, a metodologia aplicada nas Cirandas Dialógicas se aproxima da obra do referido autor também nessa caracterização, de cuja importância não se pode prescindir para a realização da leitura.



Finalizamos este relato dando destaque para atuação da Agência de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Vale do Urucua – ADISVRU. Ela, empenhada em atingir os objetivos prescritos no projeto inicial, adquiriu algumas geladeiras antigas e transformou-as em geladeirotecas.

Adquiriu, também, para compor as geladeirotecas, mais de 100 volumes de obras de João Guimarães Rosa e de outros autores. As geladeirotecas foram montadas com as referidas obras e foram destinadas às comunidades pelas quais passam o Caminho do Sertão: de Sagarana ao Grande Sertão: Veredas. Elas serviram de estímulo para que as comunidades passassem a conhecer os textos do autor que consagrou a região em sua mais famosa obra: Grande Sertão: Veredas. Serviram de estímulo também para que outros parceiros

realizassem doações de livros. Tal fato nos leva a concluir que nossas ações influenciaram outras pessoas das comunidades a participarem, pelo menos indiretamente, da construção do projeto, pois existe uma preocupação com a formação dos leitores na região.

Vale destacar que, para esse trabalho, houve a formação de agentes de leitura, que atuaram diretamente com as comunidades no sentido de desenvolver a prática da leitura. A formação dos agentes foi realizada pela ADISVRU com o apoio de outros formadores, a exemplo, a professora Rosa Amélia, responsável pela composição dos grupos e pela aplicação de estratégias pedagógicas, que depois foram replicadas nos grupos. Destaca-se também o trabalho realizado pelos agentes de leitura Giliarde Gonçalves e Irene Gomes, uma vez que todos os roteiros eram organizados e mediados pelas ações desses dois grandes empreendedores da leitura na região do sertão urucuiano.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira. “Construindo um jogo de escolhas”. In: *Escolhas literárias em jogo*. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2009.
- AMARILHA, Marly. “Literatura e oralidade: escrita e escuta”. In: DAUSTER, Tânia. FERREIRA, Lucelena. *Por que ler?* Rio de Janeiro: Lamparina, 2010. p 89 a 110.
- ARENA, Dagoberto Buim. “A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita” In: SOUZA, Renata Junqueira de (et all) (Org.). *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas; SP: Mercado das Letras, 2010.
- BAKHTIN, Michael Mikhailovitch. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução de Equipe de Aurora Fornoni Bernadini. São Paulo: Anna Blume, 2002.
- _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Para a filosofia do ato*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BOLLE, Willi. *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2004.
- BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. MACHADO, Veruska Ribeiro. CASTANHEIRA, Salete Flôres. *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. et all. *Leitura e mediação pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012.
- CANDIDO, Antonio. “O homem dos avessos” In: COUTINHO, Afrânio. COUTINHO Eduardo F. (Org.) Guimarães Rosa. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1991. “O direito à literatura” In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2004.
- _____. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2008
- COSSON, Rildo. *Letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez e Associados, 1991.
- _____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Krestschmer. Vol 1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol 2 Tradução de Johannes Krestschmer São Paulo: Editora 34, 1999.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. “A estética da recepção: colocações gerais”. Em: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. “O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis”. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- KLEIMAN, Ângela. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- _____. *Oficina de leitura*. Teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- _____. *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2007.
- MACHADO, Veruska Ribeiro. *Leitores e Leituras*. 2011. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Material Didático – CESPE/UnB).
- _____. *Compreensão leitora no PISA e práticas escolares de leitura*. Brasília: Líber Livro; Faculdade de Educação/Universidade de Brasília, 2012.
- MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo. Ed. Paulinas, 2007.
- MAGALHÃES, Rosineide. MACHADO, Veruska Ribeiro. “Leitura e interação no enquadre dos protocolos verbais” In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris et all. *Leitura e mediação pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012.
- MARINHO, Jorge Miguel. *A convite das palavras: motivações para ler, escrever e criar*. São Paulo: Editora Biruta, 2009.
- MARTINS, Aracy. *Democratizando a leitura*. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, Ceale/FaE/UFMG, 2008a.

NUNES, José Horta. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

PAIVA, Aparecida. *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces, o jogo do livro*. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, Ceale/FaE/UFMG, 2007.

_____. et all. *Leituras Literárias: discursos transitivos*. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2008.

_____. *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2008.

_____ & SOARES, Magda. *Literatura Infantil: políticas e concepções*. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2008.

PAIVA, Jane. “Literatura e neoleitores jovens e adultos – encontros possíveis no currículo?”, In: PAIVA et all. *Literatura: saberes em movimentos*. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2007.

PAIVA, Aparecida. COSSON, Rildo. *Literatura: Ensino Fundamental*. Brasília: MEC, SEB, 2010.

PAULINO, Graça. *Tipos de textos: modos de leitura*. Belo Horizonte. Formato Editorial, 2001.

_____. “Algumas especificidades da leitura literária”. In: PAIVA, Aparecida et all. *Leituras Literárias: discursos transitivos*. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2008. In: p. 55 – 70

_____. *Das leituras ao letramento literário*. Belo Horizonte: FaE/UFMG; Pelotas: UFPeL, 2010.

PEREIRA, Maria Antonieta. “Jogos de linguagem, redes de sentido: leituras literárias”. In: PAIVA et all. *Literatura: saberes em movimentos*. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2007. p. 31 a 46.

PERISSÉ, Gabriel. *A arte da palavra: como criar um estilo pessoal na comunicação escrita*. Barueri: Manole, 2003

_____. *Ler, aprender e escrever*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

_____. *Literatura e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. & MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012

ROSA, João Guimarães. *Tutaméia – Terceiras Estórias*. Editora José Olympio, 1969.

_____. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. Sagarana. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1981.

_____. *Magma*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

_____. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

_____. “Guimarães Rosa por ele mesmo” In: *Cadernos de Literatura Brasileira: João Guimarães Rosa*. Instituto Moreira Salles, 2006. p 77 a 143

SILVA, Jaqueline Luzia da. *Letramento: uma prática em busca da (re)leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2009.



SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Leitura literária e outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor*. Belo Horizonte: RHJ, 2009a.

SOARES, Magda. *Letramento. Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. “Leitura e democracia cultural”. In: *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2008. P 17 a 32.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6ª edição. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Clara Etienne Lima de. *Entre as linhas do texto e o brilho da tela: uma rede e o leitor*. Tese de doutorado defendida no Departamento de Teoria Literária. UnB – 2009.

YUNES, Eliana. & OSWALD, Maria Luiza. *A experiência da leitura*. São Paulo: Edições Loyola. 2003.

_____. *Prática de Leitura e ensino de Literatura*. Apresentação e organização de Hilda O. Hartmann Lontra. Brasília: UnB, 2004.

_____. *Pensar a leitura: complexidade*. São Paulo. Edições Loyola, 2005.

Data de recebimento: 04/04/2019

Data de aprovação: 04/04/2019